

sobre tudo

O TRABALHO PEDAGÓGICO SOBRE A TEMÁTICA “DIFERENÇAS” NO ENSINO FUNDAMENTAL: A EXPERIÊNCIA DAS RODAS DE CONVERSA

Dayana Valéria Folster Antonio Schreiber²⁸

Marilia Gabriela Petry²⁹

Caroline Guião Coelho Neubert³⁰

Resumo: Neste artigo buscamos socializar uma atividade de ensino denominada “rodas de conversa sobre diferenças”, desenvolvida no ano de 2019 com turmas de 2º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. Tal atividade foi criada a partir de uma necessidade que sentíamos de pensar em formas de abordar didática e pedagogicamente a questão das “diferenças” com as crianças em sala de aula, para além de um discurso social e politicamente correto de que precisamos “incluir” e respeitar as “diferenças”. A partir dessa demanda, buscamos coletivamente planejar ações que envolvessem as crianças e, sobretudo,

²⁸ Doutora em Educação pela PUC/SP. Professora de Educação Geral do CA/UFSC. Contato: dayana.schreiber@ufsc.br

²⁹ Mestre em Educação pela UDESC. Professora de Educação Geral do CA/UFSC. Contato: marilia.petry@ufsc.br

³⁰ Doutora em Educação pela UFSC. Professora de Educação Geral do CA/UFSC. Contato: carolneubert@hotmail.com

mobilizassem a reflexão e oportunizassem a fala, pois, compreendíamos que esse assunto merecia uma abordagem que não fosse didatizada ou sistematizada de forma clássica, como ocorre com certos conteúdos escolares. Nesse sentido, elaboramos uma metodologia em que selecionávamos um disparador ou mobilizador da conversa, um artefato cultural dirigido ao público infantil, que pudesse sensibilizar as crianças e engajá-las no diálogo conosco. Consideramos que a estratégia adotada cumpriu seu papel, pois observamos o entusiasmo e seriedade das crianças nas conversas, bem como o desenvolvimento de reflexões que possibilitaram a mudança de posturas, falas e comportamentos excludentes. Ademais, as rodas forneceram as professoras elementos para repensar a prática pedagógica de modo que todos fossem contemplados.

Palavras-chave: Diferenças; Ensino Fundamental; Interdisciplinaridade; Ação docente.

THE PEDAGOGICAL WORK ABOUT THE THEMATIC “DIFERENCES” IN ELEMENTARY SCHOOL: THE EXPERIENCE OF CONVERSATION GROUPS

Abstract: The aim of this article is to socialize a teaching activity entitled “Conversation group about differences”, implemented during the year of 2019 with second grade learners at the school Colégio de Aplicação at Universidade Federal de Santa Catarina. The activity derived from a perceived need of considering ways of approaching the theme “differences” in a didact and pedagogical way, going beyond a politically and socially correct discourse that simply poses that one needs to “include” and respect “differences”. Considering this scenario, actions that involved the children, provoked reflections and encouraged participation were collectively planned, avoiding what we felt was a traditional way of teaching. Therefore, a methodology that involved a conversation starter, a cultural artifact directed at the children, was

developed so that learners would be sensitive to the topic and willing to engage in dialogue. It is our belief that the strategy used was successful as the children's enthusiasm and focus was perceived during the conversations, as well as the development of reflections that seemed to make possible transformations in attitudes, speech and behavior previously excludent. Moreover, the conversation groups that were carried out offered the groups' teachers elements that made possible rethinking their pedagogical praxis in a way that all students were considered.

Key-words: Differences; Elementary School; Interdisciplinarity; Teacher agency.

1. Introdução

Nos últimos anos, especialmente após a disseminação da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), temos visualizado em diferentes espaços sociais, dentre eles nas escolas de ensino regular, uma ampliação das discussões relacionadas a temática “inclusão”, que vem sendo acompanhada por uma defesa em torno das “diferenças”. No entanto, observamos que ao mesmo tempo em que há uma ampliação exponencial no uso desses conceitos, há uma carência de discussões acerca do que significam, ou seja, deixamos de discutir o que de fato compreendemos como “inclusão” ou o que queremos quando defendemos a “diferença”. Conforme pontuado por Franco (2002)

o que realmente significa dizer hoje que somos todos iguais? O que significa dizer hoje que somos todos diferentes? Será que esses valores – igualdade e diferença – sempre existiram ou mesmo, será que sempre foram representativos das mesmas ideias ou será que adquiriram entendimentos e representações sociais, econômicas e ideológicas diferenciadas em

função de um determinado contexto histórico?
[...] (FRANCO, 2002, p. 06).

Compreendemos que a ausência de discussões relacionadas a esse vocabulário, que adotamos inclusive em sala de aula como professores, consiste em um problema, pois tais termos não possuem um único significado, eles são constantemente recontextualizados em função de determinados objetivos e estão imbuídos de uma concepção de mundo (GRAMSCI, 1989). Conforme ponderado por Vigotski (2000, p. 33) "a palavra adquire seu sentido no contexto e, como é sabido, muda de sentido em contextos diferentes".

Deste modo, consideramos que dizer às crianças que precisamos "incluir" todos e respeitar as "diferenças" é um argumento que não proporcionará a esses indivíduos traçar relações com situações do seu dia a dia, ultrapassando o mero uso de uma palavra ou de um discurso que é demarcado socialmente como sendo o "correto".

Como professoras de Educação Geral³¹, que lecionam em turmas dos anos iniciais, do Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), instituição de ensino que possui atualmente 52³² estudantes com deficiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e altas habilidades/superdotação consideramos ainda que as reflexões sobre "diferenças" e "inclusão" devem possibilitar que as crianças (e os adultos) percebam que não se trata de uma discussão específica sobre esses sujeitos caracterizados como público-alvo da Educação Especial (BRASIL, 2008).

Nesse cenário vislumbramos a problemática sobre a qual detivemos nossa análise, como desenvolver um trabalho pedagógico

³¹ No Colégio de Aplicação da UFSC, são denominadas professoras de Educação Geral, as professoras com formação em Pedagogia que atuam em turmas de 1º a 5º ano, lecionando as disciplinas de Português, Matemática e Ciências Humanas e da Natureza.

³² Dados referentes as matrículas no ano de 2020.

sobre a temática “diferenças” com crianças de 7 e 8 anos em que o foco não seja a deficiência, mas sim o reconhecimento e a compreensão das especificidades e necessidades de cada sujeito?

Consideramos que, no desenvolvimento desse trabalho pedagógico é de suma importância refletir com as crianças a temática das “diferenças” não deixando com que as especificidades dos sujeitos, sejam elas decorrentes de deficiência ou não, sejam mobilizadas para rebaixar as expectativas de aprendizagem e de participação. Compreendemos, deste modo, que é preciso construir com as crianças o entendimento de que a “diferença” não pode ser utilizada para justificar qualquer tipo de desigualdade. Muito pelo contrário, o intuito de reconhecer as necessidades de cada sujeito está em pensar estratégias para possibilitar o seu desenvolvimento.

A partir desses princípios é que norteamos o trabalho pedagógico denominado “rodas de conversa sobre diferenças”, sobre o qual trataremos nesse artigo. Essa atividade de ensino foi desenvolvida nas três turmas de 2º ano do Ensino Fundamental do CA (2.ªA, 2.ªB e 2.ªC) no decorrer do primeiro semestre de 2019 buscando, por meio da experimentação, responder nossa inquietação inicial de como abordar essa temática com as crianças.

Portanto, com este artigo pretendemos socializar essa prática pedagógica desenvolvida de forma coletiva³³ e interdisciplinar e também desejamos que a nossa experiência sirva como fonte de inspiração para subsidiar o trabalho pedagógico de outros professores da Educação Básica, no sentido de lhes oferecer ideias de como trabalhar tal temática.

³³ Ao longo do texto citamos todos os profissionais e convidada que fizeram parte desse trabalho coletivo, eles foram devidamente comunicados sobre a produção e a publicação deste artigo e autorizaram o uso de seus nomes e imagem.

2. A estruturação das rodas de conversa

Partindo do desejo de realizar uma discussão com as crianças pautadas nos princípios mencionados, em reunião de planejamento nós, professoras de Educação Geral, e as professoras de Educação Especial que atuavam nas três turmas do 2.º ano listamos materiais que conhecíamos e que poderiam subsidiar as discussões a serem promovidas com as crianças. Cabe acrescentar que o CA possui uma Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional que prevê o trabalho de codocência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no qual professoras de Educação Especial desenvolvem trabalho pedagógico em conjunto com professoras de Educação Geral com o objetivo de garantir o processo de ensino-aprendizagem de todos os estudantes³⁴. As docentes Ana Paula Ferraz, Fernanda Albertina Garcia e Juliana Silva dos Santos Martins atuavam naquele momento como professoras de Educação Especial nas turmas de 2º ano e foram parceiras em todas as etapas de realização da proposta que aqui apresentamos.

Após o levantamento inicial de materiais, realizado pelas professoras de Educação Geral e professoras de Educação Especial, o arquivo foi compartilhado em reunião de série com a equipe pedagógica³⁵ e os demais professores que atuavam no 2.º ano (artes visuais, teatro, música, literatura oral, libras e educação física), para que fizessem contribuições, sugestões de ampliação do material, promoção

³⁴ Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional do CA/UFSC disponível em: <https://www.ca.ufsc.br/files/2015/04/Proposta_Pedagogica_Inclusao_CA_2014.pdf>. Acesso em: 06 abril 2020.

³⁵ Conforme previsto no Capítulo II do Regimento Interno do Colégio de Aplicação (Portaria Normativa n.º 002/CED/2018, de 22 de maio de 2018) a equipe pedagógica é composta pelos seguintes serviços: Assistência ao Aluno; Assistência Social; Enfermagem; Fonoaudiologia; Nutrição; Orientação Educacional; Psicologia Escolar; Supervisão Escolar; Serviço Pedagógico de Educação Especial; e Terapia Ocupacional.

de oficinas ou qualquer outra estratégia que julgassem pertinente. Tínhamos a proposição de desenvolver um trabalho interdisciplinar, de modo que tanto professores como profissionais da equipe pedagógica tivessem a oportunidade de participar desse momento de formação com as crianças e que essas, por sua vez pudessem traçar diálogos com profissionais de diferentes áreas com vistas a ampliação de seus conhecimentos.



As profissionais da equipe pedagógica que atuam nos serviços de Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia, bem como a professora de Educação Física se dispuseram a desenvolver esse trabalho interdisciplinar e estruturaram, junto com as professoras de Educação Geral e de Educação Especial, os objetivos e a dinâmica das rodas de conversa que participariam. Além dos profissionais do CA entramos em contato com Ingrid Kertelen Franco Medina, estudante do curso de Serviço Social da UFSC. Ingrid nasceu com glaucoma congênito e até os 16 anos teve baixa visão, perdendo-a totalmente após esta idade. Desde o segundo semestre do ano de 2015 Ingrid conta com um ajudante: o cão-guia King.

Ao finalizarmos o contato com os interessados em participar das ações, estruturamos um cronograma para cada turma prevendo uma roda de conversa por semana que ocorreria em dias diferentes, conforme grade de horários de cada grupo. Portanto, toda semana ocorriam três rodas de conversa, uma em cada turma. As rodas eram mediadas pelas professoras de Educação Geral e de Educação Especial nas suas turmas de atuação e, nas semanas em que estava prevista a participação dos demais profissionais, estes realizavam sua proposta em três momentos/dias diferentes.


O presente artigo irá tratar mais detalhadamente de algumas dessas ações que foram efetivadas de modo interdisciplinar. Contudo, consideramos importante e necessário apresentar inicialmente o quadro com o conteúdo/material elaborado como “disparador” das


rodas de conversa, elaborado na primeira reunião de planejamento, por entendermos que pode servir como sugestão ou inspiração para professores e profissionais da educação pensarem em estratégias de discussão acerca das “diferenças” em seus locais de trabalho. No Quadro 1 apresentamos, portanto, os materiais utilizados, seguidos de suas referências e uma breve descrição do conteúdo.

Quadro 01: Materiais elencados no planejamento inicial das rodas de conversa

MATERIAIS UTILIZADOS	DESCRIÇÃO
	<p>Neste livro, o autor e também ilustrador Todd Parr, elenca uma série de situações cotidianas, características físicas, condições sociais e culturais distintas, apresentando-as dentro de uma perspectiva positiva. De uma forma lúdica e divertida traz à tona discussões sensíveis como adoção, deficiência, preconceitos e tantas outras.</p> <p><i>Referência:</i> PARR, Todd. Tudo bem ser diferente. 1. Ed. São Paulo: Panda Books, 2009.</p>
	<p>O livro “Mãos de vento e olhos de dentro” do autor Lô Galasso conta a história de duas crianças, Tico e Lia. Os dois gostavam de brincar de ver as figuras que as nuvens formavam no céu, até que Tico descobre, através da sua mãe, que Lia é cega. Depois de superar um conflito se a amizade dos dois era verdadeira, Tico aprende que Lia enxerga as coisas de um jeito diferente.</p> <p><i>Referência:</i> GALASSO, Lo. Mãos de vento e olhos de dentro. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 2010.</p>

	<p>A música “Normal é Ser Diferente” de Jair Oliveira e o clipe em desenho animado celebram a diferença e a amizade.</p> <p><i>Referência:</i> https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg Tempo 3’52”</p>
	<p>“Festa nas nuvens” é um curta que conta a história de um pássaro e uma nuvem que juntos devem criar e entregar bebês animais de todas as espécies pela terra. Acontece que essa nuvem cria bebês um tanto diferentes dos demais, o que se impõe como um desafio para o pássaro que deve entregá-los as suas famílias.</p> <p><i>Referência:</i> https://www.youtube.com/watch?v=pktG7AJRL8kc Tempo 5’12”</p>
	<p>“Cadê Min e as mãozinhas” é o primeiro episódio de um desenho animado inteiramente em Libras. Min, uma garota surda, está disposta a aproximar os animais e fazê-los se entenderem, ensinando-os a falar Libras ao mesmo tempo em que buscam desvendar um mistério na floresta.</p> <p><i>Referência:</i> https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo Tempo 8’25”</p>
	<p>“For the birds” é um curta que retrata a disputa de passarinhos por espaço em um fio de luz até o momento em que aparece um pássaro da mesma espécie, porém extremamente maior e desengonçado. Os passarinhos deboçam do grande pássaro e tentam afastá-lo, porém, de forma inusitada, acabam sendo surpreendidos.</p>

	<p>Referência: https://www.youtube.com/watch?v=nYTrIcn4rjg Tempo 3'25''</p>
	<p>“Porco espinho celebra a diferença e o amor” é um curta metragem que retrata uma turma de escola com diferentes espécies animais e um porco espinho que se sente excluído por conta de seus espinhos pontudos que machucam os outros e atrapalham as brincadeiras. Mas, um dia ele recebe um presente de natal muito especial que possibilita que todos se abracem.</p> <p>Referência: https://www.youtube.com/watch?v=1mVeZuB3q_I Tempo 1'25''</p>

	<p>“Ex et” é uma animação que retrata a vida de seres extra terrestres, cujo cotidiano transcorre na mais perfeita ordem, alinhamento e homogeneidade. Contudo, em meio a esse cenário, uma criança brinca e seu comportamento atrapalha a ordem vigente. Ela recebe então, como tratamento, uma pílula que a deixa com comportamento igual aos demais. Em certa altura a criança expele a pílula e recupera sua vitalidade anterior, sendo expulsa do seu planeta e enviada para um novo lar, o planeta terra.</p> <p>Referência: https://www.youtube.com/watch?v=A8BcnXmOI_s Tempo 8'33''</p>
--	---



“Cuerdas” é um curta que conta a história de duas crianças que vivem em um orfanato, uma garota chamada Maria e Nicolas um menino com paralisia cerebral recém chegado ao espaço. O filme retrata a amizade das duas crianças, construída a partir das tentativas de Maria adaptar as brincadeiras e incluir Nicolas nos momentos de lazer, uma história emocionante e cheia de ternura.

Referência:

<https://www.youtube.com/watch?v=zs0TJFWAXGA>

Tempo 10'52”

3. As rodas de conversa

Após apresentarmos as concepções que consideramos pertinentes a um trabalho sobre a temática “diferenças”, de situarmos o contexto em que se deu a atividade de ensino e quais materiais nos guiaram inicialmente, passamos agora a descrever os caminhos que as rodas de conversa tomaram, explicitando como procuramos conduzir o diálogo e o trabalho com as crianças.

3.1 TUDO BEM SER DIFERENTE!

A primeira roda de conversa teve início com a leitura do livro “Tudo bem ser diferente” de Todd Parr. As professoras fizeram a leitura do livro em voz alta para as crianças, mostrando as ilustrações. Em seguida incentivaram um debate sobre as questões apresentadas pelo autor, de modo que as crianças pudessem expor suas impressões, opiniões e relatar situações cotidianas que se aproximassem daquelas narradas no livro ou então, suscitadas a partir dele.

Após esse momento de conversa e aproveitando as falas das crianças as professoras fizeram um convite à turma: que tal criarmos nossos próprios livros inspirados no de Todd Parr?

Como tarefa de casa as crianças receberam um protótipo do livro, de tamanho A4, com a mesma capa do livro por elas conhecido. Sua missão era criar frases sobre algo ou alguma coisa que consideravam tudo bem. Desse modo, cada página do livro sugeria: *Tudo bem eu.../ Tudo bem meu(minha) amigo(a).../ Tudo bem na minha escola.../ Tudo bem na minha casa.../ Tudo bem...*

Depois de criarem suas frases as crianças precisaram ilustrar o livro com desenhos, recorte e colagem de revistas, papéis coloridos ou ainda fotografias. Ao final, deveriam escrever uma pequena biografia sobre elas, enquanto autoras do livro.

As turmas tiveram o prazo de uma semana para confeccionar o livro em casa, após esse período deveria ser devolvido no dia estipulado para a roda de conversa. Nesse dia então, cada criança mostrou seu livro, compartilhando a leitura das suas frases e ilustrações. À medida que cada criança mostrava seu livro conversávamos sobre o conteúdo dele, estabelecendo proximidades e distanciamentos entre as posições de cada uma e suas experiências.

As crianças criaram frases como “tudo bem eu ser pequeno”, “tudo bem eu ser filha única”, “tudo bem meu amigo usar óculos”, “tudo bem na minha escola ter amigos de outras salas”, “tudo bem na minha escola eu andar de pé descalço”, “tudo bem na minha casa eu arrumar meu quarto”, “tudo bem na minha casa eu subir em árvores”, entre tantos outros registros próprios da infância. Cabe acrescentar que em uma das turmas uma das crianças comentou que no diálogo em sua casa sobre “diferenças” a família lhe explicou que as pessoas possuem gostos, características e ideias diferentes, mas no que diz respeito aos direitos todos deveriam ser “iguais”. Este momento foi muito interessante, pois as próprias crianças começaram a elencar o que

deveria ser igual para todos, reflexão que foi sendo ampliada com a mediação da professora.

Após esse momento coletivo cada turma organizou um varal de exposição dos livros no corredor que dá acesso as salas de aula, de modo que as demais crianças e turmas pudessem lê-los.

Figura 01: Varal dos livros expostos no corredor da escola



Fonte: Arquivo pessoal das professoras.

Os livros também foram expostos em reunião participativa com a presença dos familiares, momento em que as crianças socializaram com os adultos o que haviam aprendido e realizado ao longo de um trimestre.

Num terceiro momento da roda de conversa apresentamos para as crianças a música “Normal é ser diferente” de Jair Oliveira, através do clipe disponível na internet. As crianças aprenderam a letra da música que passou a ser cantada em diferentes momentos da rotina, como o relaxamento após o recreio, roda de brincadeiras e de histórias.

Avaliamos como significativo termos iniciado as rodas de conversa com um livro que mobilizasse a fala das crianças, que as fizessem observar o seu entorno e reconhecer que as diferenças, adversidades, situações físicas e familiares distintas podem ser

discutidas e compreendidas. As crianças puderam dizer, por meio dessa proposta, que tudo bem ter “um pai de sangue e um de coração”, que tudo bem “ter uma irmãzinha com um probleminha nos pés” (deficiência física), que tudo bem “ter um pai com um sinal no rosto, de cirurgia de lábio leporino”, que tudo bem “ter pais separados e um meio irmão”, que tudo bem ter um amigo “que não fala”.

Foi oportuno também para encadear as ações que se desdobraram a partir daí, pois, não foram raras às vezes em que, transcorridos vários meses de aula, lembrávamos de algo que uma criança havia registrado no seu livro e que fazia parte da história de vida dela, possibilitando as crianças reconhecerem a si mesmas e as outras.

3.2 ORIENTAÇÃO, MOBILIDADE, SISTEMA DE ESCRITA TÁTIL E DEFICIÊNCIA VISUAL

Como já dissemos, as rodas de conversa ocorriam uma vez na semana, portanto, em paralelo a elas, vínhamos estudando muitas coisas com as crianças. Durante o 1º trimestre, as turmas de 2.º ano também estavam aprendendo sobre os cinco sentidos e a importância de cada um deles para observar o mundo a sua volta e participar das diferentes atividades da vida cotidiana, estudo esse relacionado ao projeto “Eu pesquisador³⁶”. Durante uma das propostas realizadas em uma das salas de aula, uma criança questionou: “E quando alguém não tem algum dos sentidos, como ela faz?”. Percebendo a mobilização das crianças perante a temática dos sentidos, especialmente o da visão, as professoras buscaram incluir no planejamento inicial das rodas de conversa mais informações sobre o tema, com o objetivo de possibilitar às crianças um momento de

³⁶ O projeto “Eu Pesquisador” adota a pesquisa como princípio pedagógico e consiste no projeto de ensino que é desenvolvido desde 2017 nas três turmas de segundo ano dos anos iniciais.

discussão a respeito da deficiência visual e das diferentes possibilidades de locomoção e mobilidade, bem como demonstrar que existem pessoas que leem e escrevem sem utilizar a visão.

Na primeira roda, as crianças foram convidadas a escutar a história “Mãos de vento e olhos de dentro”. Como de costume, as crianças se organizaram em círculo e as professoras fizeram a leitura do livro em voz alta, mostrando as ilustrações. Posteriormente, a turma iniciou uma conversa sobre as ideias e vivências que foram lembradas a partir da história.

A segunda roda envolveu o Braille, sistema de escrita tátil constituído pela combinação de seis pontos em relevo que permitem a formação de 63 combinações para a escrita de palavras e números.

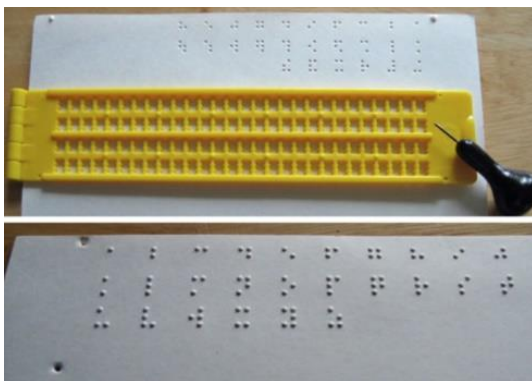
As crianças conheceram livros de literatura infantil disponíveis na biblioteca do CA escritos em Braille e também manusearam embalagens de produtos que possuíam palavras em Braille, como caixas de remédio e de alimentos.

Segundo Vigotski a escrita por meio do Braille trata-se de um “caminho psicofisiológico alternativo de desenvolvimento cultural” para a pessoa com deficiência visual (VIGOTSKI, 2011, p. 868). Deste modo, ao ensinar as crianças que sujeitos com deficiência visual podem escrever utilizando a simbologia Braille demonstramos que a ausência de um sentido, neste caso a visão, exige pensar em vias alternativas para possibilitar o alcance do mesmo objetivo, como foi o caso da escrita.

Como as crianças demonstraram curiosidade em saber “como alguém fazia os pontinhos em alto relevo na embalagem”, as professoras de Educação Especial levaram para a sala de aula uma reglete³⁷ com punção para apresentar para as crianças.

³⁷ A reglete com punção, conforme pode ser visualizada na figura 2, é um dos instrumentos para escrita Braille. Trata-se de uma régua formada por duas

Figura 02: Reglete com punção



Fonte: <http://www.escoladailha.com.br/porta/qquem-inventou-o-braile/>

Neste dia, as crianças também escreveram seu nome em Braille fazendo bolinhas de papel crepom e colando nas celas de papel que haviam sido previamente impressas pelas professoras.

Figura 03: Escrita do nome em braile utilizando papel crepom³⁸



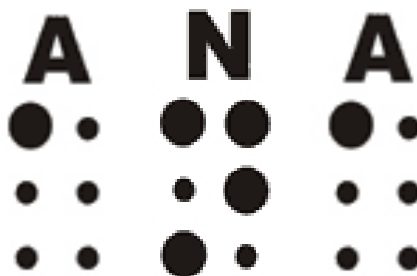
partes e que prendemos em um papel, na parte inferior estão as celas do alfabeto Braille, na parte superior o espaço para introduzir a punção (“agulha”) que irá marcar a letra ao pressionar a parte inferior da régua.

³⁸ O uso das imagens dos estudantes nos momentos das rodas de conversa e atividades a ela relacionadas foram autorizadas e o seu registro consta no cadastro dos estudantes no sistema CAPL do CA/UFSC.



Fonte: Arquivo pessoal das professoras.

Figura 04: Exemplo de cela impressa com o nome da criança



Fonte: Arquivo pessoal das professoras.

A partir desse contato inicial as crianças começaram a identificar a escrita em Braille em espaços sociais (como no início e no final do corrimão da entrada do colégio) e a relatar que agora sabiam o que eram “aquelas bolinhas nos números do elevador”.

O último momento dessa etapa, portanto a terceira roda de conversa em que estávamos tratando mais especificamente da deficiência visual consistiu na conversa com a Ingrid e com o seu cão-

guia, King. Para este momento da roda de conversa as crianças elaboraram previamente perguntas que gostariam de fazer para a Ingrid. As perguntas envolviam questões como “como é que o cão guia sabe aonde você quer ir?”, “como você faz as atividades do dia a dia?”, “qualquer cão pode ser cão-guia?”, “como você sabe onde tem Braille?”. Com as listas de perguntas por turma organizadas, enviamos por e-mail as questões para conhecimento da Ingrid. No dia combinado, as crianças tiveram a oportunidade de tirar as suas dúvidas.

Figura 05: Crianças com a Ingrid e seu cão-guia King



Fonte: Arquivo pessoal das professoras.

3.3 DIFERENTES FORMAS DE COMUNICAÇÃO

A roda de conversa realizada em articulação com a fonoaudióloga educacional do CA, Sofia Hardman Côrtes Quintela, teve por objetivo oportunizar às crianças um espaço para reflexão sobre

diferentes formas de comunicação, demonstrando a elas que há sujeitos que se comunicam sem o uso da fala e/ou da escrita.

Compreendemos com base nos estudos de Vygotski (1997) que funções psicológicas superiores como a linguagem são imprescindíveis para que o indivíduo se aproprie do conhecimento historicamente acumulado, por isso a importância de se refletir acerca das diferentes formas de constituição da linguagem, uma vez que é por meio dela que o sujeito constrói suas relações interpessoais e também organiza seu pensamento.

Para realização da roda de conversa utilizamos dois recursos, o curta-metragem “Cadê Min e as mãozinhas” e uma apresentação de slides sobre formas de comunicação.

Primeiramente, as crianças foram convidadas a assistir ao curta-metragem que foi seguido de uma reflexão sobre seu conteúdo. Nos comentários lembraram alguns sinais em Libras e demonstraram compreender a importância dessa língua para traçar uma comunicação com pessoas surdas. As crianças do 2.º ano já vinham experimentando a comunicação por meio da Libras, uma vez que essa disciplina constitui o currículo dos 1.º e 2.º anos (assim como dos demais anos/séries dos anos iniciais), conforme previsto na Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional do CA (2014). Consideramos que o fato dessa língua ter sido apresentada às crianças desde o 1.º ano do Ensino Fundamental fez com que não ocorresse um estranhamento sobre esse tipo de comunicação, o que evidencia a relevância do ensino desse conhecimento para uma efetiva interação e constituição de uma relação entre pessoas ouvintes e surdas.

O segundo momento da roda de conversa foi instigado por dois questionamentos apresentados pela fonoaudióloga por meio dos slides: “como nos comunicamos?” e “o que é comunicação?”. Discutimos com as crianças que para além da fala e da escrita, as pessoas podem se comunicar por meio da Libras, de imagens,

expressões faciais e gestos. Durante a roda de conversa uma das crianças questionou os motivos do coleguinha com diagnóstico de Síndrome de Down falar com dificuldades. Outras crianças disseram conhecer os cartões e pranchas de comunicação alternativa porque outro coleguinha, com Transtorno do Espectro Autista, também usava e fizeram questionamentos sobre o recurso.

Naquele momento compunha o quadro discente do 2.º ano quatro estudantes público-alvo da Educação Especial. Dois desses estudantes utilizavam Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), uma área da Tecnologia Assistiva (TA)³⁹ que tem por objetivo ampliar as habilidades de comunicação de sujeitos sem fala ou sem escrita funcional, ou que possuam uma defasagem entre a necessidade de comunicação e as habilidades de falar e/ou escrever (SARTORETTO; BERSCH, 2020). De acordo com Queiroz et. al. (2018, p. 292), a “CAA propicia interações comunicativas de indivíduos sem oralidade, sendo uma importante ferramenta no processo de constituição da linguagem e de interação escolar, fundamentais para o processo de aprendizagem”.

O estudante com diagnóstico de TEA, para expressar suas ideias durante as aulas, utilizava cartões impressos e pranchas de comunicação no *tablet* construídos com simbologia gráfica e palavras, o que acabava despertando a curiosidade dos demais estudantes e também dúvidas sobre o recurso. Já o estudante com diagnóstico de Síndrome de Down se comunicava principalmente por meio de gestos, sons, expressões faciais e corporais. Também se comunicava por meio de poucas palavras que, devido aos problemas de articulação na fala,

³⁹ Tecnologia assistiva é um termo utilizado para “identificar todo o arsenal de Recursos e Serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência” (SARTORETTO; BERSCH, 2020).

não eram pronunciadas corretamente, o que causava estranhamento dos demais estudantes.

Observamos que durante a roda de conversa as crianças não se sentiram intimidadas em fazer questionamentos, pois o fio condutor da discussão era a comunicação e não o colega. Partimos de exemplos amplos que permitiram as crianças traçar relações com situações do dia a dia, transformando em conhecimento o que até então era visto com certo estranhamento.

Para finalizar a roda de conversa a fonoaudióloga expôs no slide a frase *“Tudo bem ser diferente. Nós podemos nos comunicar por Libras, fala, imagens, escrita, gesto, olhar e sorriso”*, e desafiou as crianças a escrevê-la fazendo uso de imagens e palavras impressas. As crianças dividiram-se em quatro grupos, sendo que cada um recebeu um envelope com as palavras e imagens embaralhadas e elas organizaram conjuntamente em um cartaz formando a frase solicitada.

Figura 6: Cartazes elaborados pelas crianças



Fonte: Arquivo pessoal das professoras.

Consideramos que a roda de conversa realizada com a mediação da fonoaudióloga e das professoras possibilitou as crianças

perceberem que diferentes recursos podem ser utilizados para se alcançar o mesmo objetivo, a comunicação. Ademais, evidenciou que todos podem se comunicar de outra forma que não apenas por meio daquela que estão habituados, compreendendo com isso que não se trata de uma situação específica dos indivíduos com algum diagnóstico de deficiência.

3.4 DIFERENTES FORMAS DE SE FAZER AS ATIVIDADES DO DIA A DIA

A roda de conversa com a terapeuta ocupacional do CA, Diane Stoffel, foi organizada com o objetivo de discutir com as crianças diferentes formas de se fazer as atividades do dia a dia, bem como a importância do ambiente estar adequado as especificidades de cada sujeito para possibilitar o desempenho de suas atividades.

Por meio dessas reflexões buscamos de maneira implícita fazer com que as crianças compreendessem a importância da acessibilidade definida na Lei n.º 13.146 (BRASIL, 2015) como possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015).

Nosso foco não foi a análise do conceito “acessibilidade” e não centramos a discussão nos sujeitos com diagnóstico de deficiência ou mobilidade reduzida. Trabalhamos com a ideia de eliminar barreiras arquitetônicas e atitudinais, propondo reflexões que levassem as crianças a pensá-las em situações comuns do dia a dia.

A roda de conversa foi organizada em três momentos. No primeiro, as crianças assistiram ao curta-metragem “Porco espinho

celebra a diferença e o amor” e em seguida apresentaram oralmente suas reflexões que foram mediadas pela terapeuta ocupacional e professoras com o intuito de discutir as questões relacionadas as diferenças, a relevância do apoio dos colegas e das adaptações para que todos consigam participar das atividades do dia a dia.

A terapeuta ocupacional demonstrou exemplos de adaptações que podem ser realizadas em materiais possibilitando as crianças o manuseio de uma tesoura adaptada com mola e um lápis de escrever com engrossador, exemplos de tecnologia assistiva. Durante essa apresentação dos materiais não centramos a discussão na deficiência, ou seja, na condição do sujeito que necessita desse tipo de tecnologia assistiva, mas sim nas possibilidades de uso do recurso, demonstrando que materiais escolares, algo muito próximo dos estudantes, podem ser adaptados para garantir o uso por parte de todos.

Num segundo momento a terapeuta ocupacional projetou a Figura 6 e perguntou as crianças se o porco espinho poderia participar da brincadeira e o que poderia ser feito para que ele participasse.

Figura 07: Imagem apresentada às crianças pela terapeuta Ocupacional do CA



Fonte: <https://capinaremos.com/2014/02/04/seja-criativo/>

Houve consenso no que tange a participação do porco espinho, todos sinalizaram que ele poderia participar. Neste momento discutimos a importância das atitudes dos colegas, salientando que o primeiro passo deve ser a valorização da participação de todos, não deixando ninguém de fora da brincadeira, e que somente após essa atitude seria possível pensarmos em estratégias para possibilitar que todos participassem.

No que diz respeito as ideias para que o porco espinho participasse da brincadeira, grande parte das crianças sugeriu modificações no tipo de material de que seria feito o chapéu, por exemplo, um chapéu tipo “capacete” com material que não pudesse ser furado. Ao visualizarem a sugestão da terapeuta ocupacional (Figura 7) as crianças ficaram surpresas em perceber que seria possível o porco espinho participar da brincadeira com um chapéu feito com balão.

Figura 08: Imagem apresentada às crianças pela terapeuta ocupacional do CA



Fonte: <https://capinaremos.com/2014/02/04/seja-criativo/>

Após essa discussão a terapeuta ocupacional lançou um desafio ao grupo. Todos foram convidados, a responder por meio de desenhos ou frases, a seguinte pergunta: Como podemos adaptar a nossa escola para que todas as pessoas possam participar?

Neste momento nosso objetivo foi instigar as crianças para que relacionassem as reflexões que tinham desenvolvido sobre acessibilidade atitudinal e arquitetônica com situações do dia a dia, buscando utilizá-las cotidianamente, estendendo o que aprenderam para suas ações.

As adaptações que as crianças mais destacaram estão relacionadas a forma de fazer as atividades, pensando, por exemplo, como seria possível adaptar brincadeiras que costumam fazer na escola. Também identificamos o destaque para os aspectos atitudinais, pois sugeriram que no momento de desenvolvimento das atividades e brincadeiras todos fossem chamados a participar e que ajudassem o coleguinha quando necessário. Algumas crianças também sugeriram adaptações de ordem arquitetônica, salientando a importância de pensar na acessibilidade física para acessar os espaços da escola.

Compreendemos que por meio dessa roda de conversa foi possível construir com as crianças outro sentido para as adaptações, demonstrando que se trata de estratégias para possibilitar a participação de todos. Ademais, tivemos a oportunidade de trabalhar um princípio que consideramos imprescindível quando se trata da temática “diferenças”, que é o de reconhecer as especificidades de cada indivíduo sem utilizá-las, contudo, como justificativa para o rebaixamento das expectativas de aprendizagem e/ou participação. Buscamos demonstrar às crianças que as especificidades de cada sujeito nos oferecem elementos para pensar em estratégias de adaptações para que esses avancem em termos de conhecimento e participação e não o contrário. Ao fazermos isso tínhamos o intuito de evidenciar que o meio, o contexto, quando pensado e preparado para atender as

especificidades do sujeito pode modificar qualitativamente o seu desenvolvimento.

3.5 ESPORTES E BRINCADEIRAS ADAPTADAS

A roda de conversa que contou com a participação da professora de Educação Física do CA, Daniela Schwabe Minelli, foi dividida em dois momentos. Primeiramente, as crianças participaram de uma vivência de esportes adaptados na pista de atletismo no Centro de Desportos (CDS) da UFSC mediada pela professora Daniela, professoras de Educação Especial e acadêmicos do curso de Educação Física da UFSC⁴⁰.

A vivência iniciou com uma conversa sobre esportes adaptados e foi seguida por três atividades organizadas no formato de circuito, no qual as crianças realizaram salto em distância vendado, corrida em cadeira de rodas e arremesso de peso sentado (Figura 8).

Figuras 09 e 10: Registro de duas atividades realizadas no circuito



⁴⁰ Essa vivência foi apresentada pelas professoras Daniela Schwabe Minelli e Bruna Seron em conjunto com o acadêmico Pedro Henrique Hoffmann, no I Congresso Catarinense de Educação Especial que ocorreu na UFSC em 2019. Resumo do trabalho intitulado “DIFERENÇAS” - PARCERIA ENTRE EDUCAÇÃO BÁSICA E ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ATLETISMO ADAPTADO e está disponível nos anais do evento.



Fonte: Arquivo pessoal das professoras.

Tanto os professores quanto os acadêmicos do curso de Educação Física da UFSC avaliaram positivamente a proposta de vivência, dado o grande interesse das crianças e da possibilidade de vivenciarem uma experiência de se colocar no lugar do outro, neste caso de pessoas com deficiência que praticam esportes.

Num segundo encontro, em sala de aula, as crianças foram convidadas a assistir ao curta-metragem “Cuerdas”, momento no qual destacaram principalmente as atitudes da personagem Maria relacionando-as com as discussões traçadas nas rodas de conversa anteriores e com a vivência na pista de atletismo. Ressaltaram a importância das adaptações realizadas por Maria nas brincadeiras para proporcionar a participação do coleguinha Nicolas, personagem com diagnóstico de paralisia cerebral, usuário de cadeira de rodas.

A partir das ações de Maria foi possível refletir com as crianças principalmente a relevância das atitudes, demonstrando a elas que as adaptações e estratégias são possíveis de serem pensadas desde que

ocorra a aproximação e um diálogo com o coleguinha para compreender suas especificidades.

4. Considerações finais

Ao longo do primeiro semestre de 2019 realizamos 12 rodas de conversa em cada uma das três turmas de 2.º ano, totalizando desse modo 36 encontros para conversar a respeito das diferenças. Como cada uma das turmas tinha 25 estudantes, 75 crianças participaram ativamente desse processo de diálogo e construção de novas referências.

Gostaríamos de ressaltar o sentido que o trabalho ganhou por ter se constituído como uma ação coletiva, inicialmente das 06 professoras que atuavam diariamente com as crianças e, posteriormente com a participação da professora de Educação Física, fonoaudióloga, terapeuta ocupacional e também da Ingrid, nossa convidada. Sem dúvidas é um cenário muito profícuo poder contar com a formação e disposição de 10 profissionais para realizar um trabalho pedagógico, dispondo de tempo para reuniões de planejamento coletivo dentro de sua jornada de trabalho, bem como de livros da biblioteca escolar, computador e projetor em cada sala de aula, acesso à internet e materiais para impressão. Consideramos uma condição adequada e, inclusive, necessária para que possamos criar e atuar de forma mais coletiva. Contudo, esperamos que a ausência de alguns desses elementos não seja impeditiva para que o espírito das rodas de conversa contage profissionais da educação desejosos de discutir com seus estudantes os caminhos para uma sociedade mais igualitária.

Ao retomarmos os registros que tínhamos para a escrita desse artigo, lamentamos não termos conseguido registrar de modo mais sistemático as falas das crianças, pois, cada uma delas abriria uma janela para contemplarmos e discorrermos sobre como elas percebem e

significam suas vivências e, como o espaço das rodas possibilitou acolher essas percepções e direcionar o olhar e a reflexão delas para a diversidade humana enquanto potencialidade e não mecanismo de exclusão.

Pensamos que, a partir dessa experiência temos alguns elementos que nos auxiliam a responder à questão de como trabalhar a temática das “diferenças” com crianças de 7 e 8 anos. A primeira pista que julgamos importante destacar é a necessidade de se *pensar em ações de médio ou longo prazo*, compreendemos que não é possível construir novos conceitos e atitudes em apenas um ou dois momentos. Isso nos leva a segunda consideração, a temática das diferenças precisa permear todo o trabalho pedagógico e não ficar restrita a um momento específico, ou seja, só na roda de conversa, contudo, também corremos o risco de não discuti-la ao buscarmos abordá-la de forma transversal, trabalhando esses conceitos diariamente, portanto, compreendemos que é imprescindível que *haja um momento pontual* em que os burburinhos e as situações que nos saltam aos olhos diariamente possam ser tratados com cuidado. Falas como “ele não sabe”, “minha mãe disse que ele [o colega] tem uma doença”, “ela não obedece”, “coitadinho”, “não quero sentar do lado dele(a)”, “seu cabelo é feio”, entre tantas outras não devem ser desconsideradas.

Uma terceira pista parece-nos ser de que *nem sempre é interessante ou adequado iniciar a conversa tratando de situações reais vivenciadas pelas crianças*, bem como, de usá-las como exemplo para “explicar” sobre alguma questão, correndo-se o risco de expô-las. Nesse sentido, julgamos conveniente selecionar materiais diversos, como livros infantis, tirinhas, curtas metragens, músicas e/ou brincadeiras, podendo ser do universo animal ou de personagens inusitados, que trazem implicitamente questões relacionadas ao respeito, inclusão e exclusão. Defendemos que esses artefatos culturais

sejam utilizados como sensibilização e um canal de criar perguntas e não para “desvelar” o seu significado ou criar uma moral.

Vamos então a quarta pista: fazer perguntas. Mais do que dar explicações e aguardar que as crianças generalizem aquele tema que está sendo abordado, extrapolando para as suas ações como indivíduos e das pessoas do seu convívio, compreendemos que *é fundamental questioná-las e incentivá-las a questionar*. Os questionamentos podem ser dirigidos tanto no sentido de propor exercícios de alteridade “como será que o porco espinho estava se sentido?”, “como você se sentiria se vivenciasse uma situação assim?”, quanto no sentido de alargar a visão de mundo e os conhecimentos das crianças “como será que podemos conversar com outra pessoa sem falar com a nossa voz ou com a língua de sinais?”, “será que uma pessoa que usa cadeira de rodas pode jogar bola?”, “uma pessoa cega pode viver sozinha, ter autonomia e liberdade?”.

Como quinta pista concluímos ser importante propiciar momentos em *que as crianças possam fazer, experimentar e vivenciar*. Embora o diálogo seja a unidade central das práticas que propomos, é fundamental que as crianças aprendam com todo o corpo. Fazer brincadeiras adaptadas, construir o nome em Braille, usar materiais adaptados, fazer desenhos, construir livros, investigar o espaço da escola e observar se é acessível ou se há barreiras arquitetônicas, são algumas sugestões de como envolver as crianças no fazer.

A sexta e última pista que consideramos conveniente mencionar é *buscar o auxílio de outras áreas e profissionais*. Nós, professores, temos a competência de abordar de forma pedagógica qualquer assunto, temos formação e habilidade para aproximá-lo das crianças e torná-lo objeto de estudo e aprendizado, entretanto, não sabemos tudo. Precisamos nos aproximar e dialogar com profissionais e estudiosos de outros campos, não apenas da Educação Especial, mas também de estudos étnico-raciais, da Antropologia, Psicologia, Ciências

Sociais e tantas outras áreas que podem contribuir com o debate que gostaríamos de promover.

Ao chegarmos ao final da escrita desse artigo quantas novas ideias nos surgem! Certamente na nossa prática pedagógica daremos continuidade as rodas de conversa, se não nesse modelo, em outros, que fortaleçam o exercício do diálogo e da alteridade. Temos consciência de que há muitos materiais⁴¹ de qualidade que podem ser utilizados nessa tarefa e dos quais não tratamos nesse artigo. Deixamos agora o convite para você também refletir sobre o que pode ser feito na escola além de dizer às crianças que precisamos “incluir” todos e respeitar as “diferenças”.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Brasília: Casa Civil. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.html>. Acesso em: 18 set 2020.

FRANCO, M. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica: identidades e políticas de homogeneização no currículo nacional. GT 12: Currículo. In: 25ª Reunião Anual da ANPEd. 25., 2002, Caxambu. **Anais**. Caxambu, ANPEd, 2002.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

⁴¹ A título de exemplo citamos dois livros infantis: MCKEE, D. **Elmer, o elefante xadrez**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009; e, PORTELA, M. **Alguém Muito Especial**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2002.

QUEIROZ, Í da P.; MENEZES, E. da C.; SANTOS, I. M. B. dos; GOES, U. M. de; GIVIGI, R. C. do N. Validação do protocolo de avaliação neurofuncional para comunicação alternativa e ampliada. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v.20, n.3, Maio-Jun. 2018. p. 291-303. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-18462018000300291&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 22 maio 2020.

SARTORETTO, M. L.; BERSCH, R. **Assistiva**: tecnologia e educação. 2020. Disponível em: <<https://www.assistiva.com.br/index.html>>. Acesso em 22 maio 2020.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, dez. 2011. p. 861-870. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/issue/view/2150>>. Acesso em: 22 maio 2020.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**: fundamentos de defectologia. Tomo V. Tradução Julio Guillermo Blanck. Madrid: Visor Dist. S.A. 1997.